

Nove anos seguidos com mais mortes que nascimentos

Desde 1970 a 2008 o saldo natural foi sempre positivo. Desde 2009 não mais se recuperou.

Há nove anos que a Madeira apresenta, consecutivamente, mais mortes do que nascimentos. Um ciclo negativo do saldo natural que começou em 2009 e que, pelo menos em termos de estatísticas oficiais publicadas, nunca ocorrera na história destas ilhas. Os dados finais de 2017, divulgados ontem pela Direcção Regional de Estatística (DREM), confirmam contudo, o quarto ano consecutivo de amenização do saldo natural negativo, depois do máximo histórico atingido em 2014 (- 995) e culminando nos -553 do ano passado.

Assim, em 2017 nasceram definitivamente 1.960 bebés (menos um que nos dados preliminares publicados em Março) e registaram-se 2.513 óbitos gerais. Dos nascimentos, assinala-se um “aumento de 5,5% face a 2016 (1.858 nados-vivos) e as mortes “correspondem a menos 101 óbitos que em 2016 (2.614 óbitos)”.

O ano passado confirma também o melhor ano em termos de números de nascimentos dos últimos cinco anos, uma vez que desde 2012, com 2.047 óbitos, não se ultrapassa essa fasquia que até esse ano nunca ficara abaixo dos 2.000.

“Das crianças nascidas neste ano, 51% eram do sexo masculino, representando uma relação de masculinidade à nascença de 104%, ou seja, por cada 100 crianças do sexo feminino nasceram cerca de 104 do sexo masculino. Esta é uma tendência que se repete na Região, onde nos últimos 48 anos (1970-2017), apenas por cinco vezes nasceram mais meninas do que meninos.

“Dos nascimentos ocorridos neste ano, 54,3% ocorreram fora do casamento: 55,1% de pais que viviam em coabitação e 44,9% de pais que não viviam em coabitação”, salienta ainda a DREM. “No que respeita à idade das mães, verifica-se que 34,4% dos nados-vivos eram filhos de mulheres com idade inferior a 30 anos. As mães com idades compreendidas entre os 30 e os 34 anos foram responsáveis por 32,9% dos nascimentos averbados neste ano, não havendo registo de nados-vivos de mães com menos de 15 anos. A proporção de nados-vivos de mães com 40 ou mais anos apresentou um aumento, passando de 7% em 2016 (130 nados-vivos) para 8,4% em 2017 (164 nados-vivos)”.

Já quanto aos “óbitos registados, 93,9% ocorreram em indivíduos com 50 ou mais anos, sendo 63,1% em indivíduos acima dos 75 anos”, especifica. “O número de óbitos variou ao longo dos vários meses do ano, atingindo o valor mais elevado no mês de Janeiro (243 óbitos) e o valor mais baixo no mês de Julho (170 óbitos)”, aponta.

É de salientar que apenas dois concelhos contribuíram positivamente para o saldo natural.: Santa Cruz onde nasceram 381 bebés e morreram 259 pessoas e Câmara de Lobos onde nasceram 293 para 266 mortes. Porto Moniz foi onde nasceram menos bebés (11) e Funchal onde registou-se mais nascimentos (809), concelho onde morreram mais pessoas (1.120) e Porto Santo onde houve menos óbitos (45).

Ocorreram ainda 7 óbitos de crianças com menos de 1 ano (mais 2 que 2016) e 1 óbito fetal de mãe residente na RAM (2 em 2016). Em consequência, a taxa de mortalidade infantil fixou-se em 3,6 óbitos por mil nados-vivos (2,7 em 2016)”.

Maior número de casamentos em 7 anos

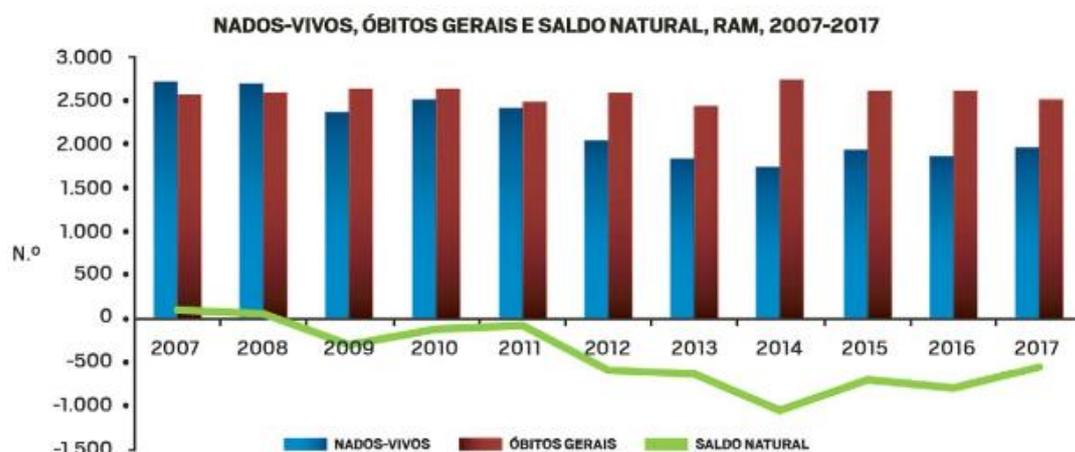
“Na RAM, em 2017, realizaram-se 962 casamentos, o que representa um aumento de 11,7% relativamente ao ano transacto (861 casamentos)”, diz a DREM, mas há a acrescentar que é o registo mais alto dos últimos sete anos, só superado por 2010 (1.031).

“Do total de casamentos (em 2017) observados neste período, 97,8% foram celebrados entre pessoas de sexo oposto, sendo que os restantes celebraram-se entre pessoas do mesmo sexo (21 no total).

“O número de casamentos variou ao longo dos vários meses do ano, atingindo o valor mais alto no mês de Setembro (141) e o valor mais baixo no mês de Março (45)”, acrescenta.

“Os dados revelam ainda que 69,3% dos casamentos oficializados em 2017 diziam respeito a ‘primeiros casamentos’”, sendo certo que “quanto à forma de celebração, 67,4% (648) foram realizados pelo civil (o valor mais alto desde 2010, com 649) e 32,3% (311) pelo rito católico (o valor mais alto desde 2011, com 343). Segundo o regime de bens, em 73,2% dos casamentos optou-se pelo regime de comunhão de adquiridos”, conclui.

Refira-se ainda que desde 1981 até 2017, este último ano foi aquele em que se registaram o menor número de casamentos dissolvidos (divórcios), apenas 963.



In “*Diário de Notícias*”